



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Teatro Twitter

AUTOR

Carlos J. Pessoa

ANO

2014

2016 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Carlos J. Pessoa

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Maio 2016
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Teatro Twitter

AUTOR

Carlos J. Pessoa

ANO

2014

Este texto teve estreia em 2014
no Teatro Taborda, em Lisboa.
Texto, encenação e conceção
plástica de Carlos J. Pessoa.

2016 Coimbra



Carlos J. Pessoa

1966. Nasceu em Lisboa. Tem o Curso de Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e a Licenciatura em Teatro e Educação pela mesma escola, onde é professor e coordenador pedagógico-artístico do Mestrado em Teatro, especialização em Encenação. Tem o título de Especialista em Teatro - Encenação, atribuído pelo Instituto Politécnico de Lisboa. Fez a pós-graduação e o curso de doutoramento em Ciências da Comunicação, Variante Comunicação e Artes, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É cofundador e Diretor Artístico do Teatro da Garagem. Desde 1989, foi o autor e encenador da quase totalidade dos 81 espectáculos que a companhia apresentou. Tem publicadas as peças levadas à cena e diversos artigos sobre teatro. Em 1992 recebeu uma Menção Honrosa do prémio Madalena de Azeredo Perdigão, pela encenação de *A Cidade* de Fausto; em 1993 recebeu o Prémio Texto de Teatro do Teatro na Década, do Clube Português de Artes e Ideias, pela peça *Café Magnético*; em 2000 foi-lhe atribuído o Prémio CyberKyoske99 - Género de Drama, pela peça *Desertos / evento didáctico seguido de um poema grátis*; em 2003 recebeu uma Menção Especial, pelo espectáculo *Circo*, da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro; em 2009 foi-lhe atribuído o Prémio de Melhor Texto Original Português do Guia de Teatros pelo texto *On the Road*, ou a hora do arco-íris; em 2014, o texto *Finge*, de sua autoria, foi nomeado na Categoria de Teatro - Melhor Texto Português Representado, para o Prémio Autores, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Teatro Twitter

Teatro Twitter é o espectáculo que assinala os vinte cinco anos de existência do Teatro da Garagem. Como uma sùmula de todos estes anos de actividade, em *Teatro Twitter* convergem os *tweets*, as mensagens breves, de anos de trabalho em que procurámos engendrar o alento para cada dia que passa. *Teatro Twitter* são pois as mensagens dentro da garrafa, atiradas ao mar em busca de um interlocutor ocasional que, andando numa praia, desse conta de um sinal de que existimos, de que fomos nós, gente de carne e osso, os que aqui estiverem. *Teatro Twitter* compõe-se de pequenas cenas, em forma de frases curtas, em que um numeroso núcleo de actores, — colaboradores passados, presentes e futuros, todos eles e elas, e ainda os que, por limitações de vária ordem, não podemos convocar, do Teatro da Garagem, ao menos no nosso espírito... — dão corpo e voz, numa sequencia de vídeos a uma unidade cénica contemplativa; um jardim de imagens e de sons cuidado por guardiães, interpretados por jovens actores, de paragens distantes e falando línguas evocativas, na passagem das diferentes estações do ano. *Teatro Twitter*, templo ecuménico, que se dá a ver, aqui e agora, representa o nosso desmedido amor pelo teatro, pelos actores e pelas atrizes e por essa medicina da alma que parece operar em nós uma espécie de apaziguamento sublime sempre que a cortina sobe no palco. A pequena eternidade que resulta de *Teatro Twitter*, estas memórias vivas, habitáveis, suspensas no espaço e no tempo, creio que contêm o essencial do que somos enquanto companhia de Teatro: um desejo absurdo de conhecimento, de nós, dos outros e do mundo, na convocação de uma cascata de pequenos nada; banalidades, riso, choro, crueldade, bondade... e uma promessa: a de que não desistimos de continuar a levar a bom porto a barca incerta das nossas certezas.

TEXTO, ENCENAÇÃO E CONCEPÇÃO PLÁSTICA Carlos J. Pessoa

DRAMATURGIA Maria João Vicente

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO Nuno Nolasco

INTERPRETAÇÃO Akiyo Matsumoto, Ana Palma, Ana Tang, Beatriz Godinho, Beatriz Pessoa, Carla Bolito, Carolina Salles, Cirila Bossuet, Danae Christopoulou, Diogo Bento, Emanuel Arada, Fernanda Neves, Fernando Nobre, Filipe Duarte, Flávia Gusmão, Frederico Barata, Ivo Melo, Joana Liberal, João Didelet, Jorge Andrade, José Espada, José Peixoto, Maria João Vicente, Maria Leite, Martina Svobodova, Miguel Damião, Miguel Mendes, Nádia Yracema, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro, Panagiota Apostolidou e Sílvia Filipe.

MÚSICA Daniel Cervantes

CENOGRAFIA E FIGURINOS Sérgio Loureiro

VÍDEO Maria Leite, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Maria João Vicente

PRODUÇÃO, COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO João Belo

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Miguel Stichini

Poemas roubados

Este espectáculo propõe um teatro para qual concorrem diversas ideias que temos vindo a ensaiar em criações anteriores, nas quais se fundem materiais textuais, videográficos, cenográficos e musicais com o trabalho dos actores. Em cena uma cascata serve como pano de fundo aos rostos projectados que corporizam pequenos diálogos, ou tweets, tirados das conversas do quotidiano, no que têm de trivial e simultaneamente poético. A cascata traz a natureza para o teatro e imprime à cena uma ideia de paisagem, permitindo também, através da água, uma irregularidade e movimento no cenário. Os diálogos, poemas roubados, gravados e projectados, animam esta espécie de pintura tridimensional. Estes diálogos são interpretados pelos actores da companhia e por vinte cinco actores convidados, tantos como os anos de existência do Teatro da Garagem, que marcaram, ou virão a marcar, o nosso percurso. Os actores existem aqui, antes e para lá da cena. À semelhança de um estúdio fotográfico do século XIX, no qual se recriava um ambiente específico retirado do real que servia de cenário aos modelos fotografados, o teatro transforma-se num espaço de reflexão sobre a realidade, criando um lugar profícuo para os actores demiurgos. As cenas estão organizadas por letras, tantas como as do alfabeto, e configuram a construção de uma enciclopédia singular que, apesar de tentar entender a vida na sua complexidade e diversidade, tece um texto poroso que poderá ser sucessivamente revisto pelos outros e pela actualidade. O teatro, tal como a vida, é frágil e permeável ao tempo e qualquer tentativa de fixação parece ir contra a sua natureza. Neste espectáculo delineamos apenas margens para uma matéria em permanente movimento. No entanto podemos caminhar, caminhar de miragem em miragem, banharmo-nos na água fresca e ouvir o chilrear dos pássaros.

MARIA JOÃO VICENTE

Teatro Twitter

(projecção vídeo photomaton: dois rostos lado a lado; queda de água, Niágara de palco, larga o bastante, para que possa servir como superfície de projecção dos rostos)

A

1 – Frederico Barata

2 – Fernando Nobre

1 – E se forem aventuras?

2 – Iá! Aventuras tipo pequenos vagabundos e malta à solta a correr!

1 – A fugir, iá! Fosga-se! A fugir à bófia, pois!

2 – Iá, tudo a fugir e a roubar!

1 – E a roubar, pois, iá! Roubar e comer e, e, beber, e fumar e a ver castelos e cavalos! E viajar pró estrangeiro!

2 – E índios e ferros de engomar! E viajar pró estrangeiro!

1 – Ferros de engomar?

2 – Por causa das camisas, iá, para a gente se vestir como deve ser, por causa dos convidados: o padre, o patrão, os pedintes e aquela malta pitoresca que veio não se sabe bem de onde. Parece que o almoço é frango de cabidela, iá!

1 – Iá, é mesmo? Boa! Baba de Camelo e naves especiais!

2 – Não são especiais são espaciais, de espaço! No estrangeiro!!

1 – Mas são especiais na mesma como, como... programação especial!

2 – Novidades e promoções!?...

1 – Iá! Estás-me a compreender! Olha as aventuras, olha lá: guerreiros templários!

2 – Ninja man!

1 – E musas! Musas com uma farta bigodaça!

2 – Essas são do caraças, iá, pois: peluuudas!

1 – Amazonas...

2 – Futebolistas...

1 – Acompanhantes de luxo!

2 – Que categoria! Putas finas, heim! Finta 1, finta 2, finta 3, gooooolo!

1 – À bocadinha olhei-me ao espelho e perguntei: “Who are you, understand?”
No understand!

2 – I don’t know you, understand? No understand!

1 – Finta a finta, ca ganda pinta! Iá! Jogos de vídeo com monstros, monstros e tudo à mostra, ao léu, iá, que nojo, só peles descaídas!

2 – Gajos a falarem ao mesmo tempo que jogam: “eu agora aqui tenho uma espada de diamante, vou roubar um relógio dourado e tenho 4 dragões liofilizados na carteira!”

1 – Liofilizados?

2 – Em pacote, um pacote de dragões! Iá!

1 – A gente aqui nasce parvo e morre estúpido. Não é como no estrangeiro...

2 – Pois não. Iá! Agente aqui é o da polícia! Está ali o senhor da farda azul turquesa! Dá segurança, portanto e pois, uma coisa que agrada a toda a gente.

1 – Iá! Tá tudo certo!

2 – Aqui?

1 – Aqui e no estrangeiro!

2 – Iá, boa, mano.

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 – Eu quero abrir um negócio de dança!

2 – Então olha, mexe-te! (*todos dançam*)

C

1 - Diogo Bento

2 - Flávia Gusmão

1 – Imaginem, imaginem!

2 – O stress, o stress, foda-se, o stress, caralho, o filha da puta do stress!

1 – Imaginem, imaginem, i-magi-nem!

2 – Não me tirem o emprego, não me tirem o chão, não me tirem o emprego, não me tirem o chão.

1 – Não me tirem a pensão, não me tirem a casa; não me tirem os remédios, não me matem do coração.

2 – Não me cortem a luz, não me vendam o colchão, não me tirem os filhos, não me matem o cão.

1 – Não me tapem as janelas, não me tirem a paisagem.

2 – Não me atropelem na rua, não me fintem no mercado, não me roubem no peixe. Não estou em promoção! Não estou em promoção! Não me levem no saco.

1 – Não me atirem para o lixo, não me façam de parvo, não me engulam, não me caguem em cima. Ao menos não me pisem se fizerem de mim merda!

2 – Deixem-me em paz! Não me lixem, não me prometam mundos e fundos porque é sempre a fingir!

1 – Vais almoçar, heim, depois a bica, heim, depois, depois, a mija, a mija, heim, depois, a ganza, pois, à coca, isso, isso, a snifar a cinza dos antepassados, heim, e o stress, o stress, foda-se, outra vez o caralho do stress, do stress, stress incrível, stress, stress!

2 – Imaginem, imaginem, imaginem, depois do stress, um gajo está ali, imaginem em stress e vem o Strauss, a valsa, a valsa do Strauss, estupidez do caralho!

1 – Eu não quero dançar, eu não quero dançar, eu não quero dançar!

(todos dançam freneticamente menos a personagem 2)

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 – Pode ser valsa! Pode ser a valsa! Eu quero abrir um negócio de valsas!

2 – Então olha, mexe-te a compasso!

(imagem chão)

D

1 – Emanuel Arada

2 – Cirila Bossuet

1 – O almoço vem na marmita, mas a marmita não veio! Onde terá ido a marmita?

2 – Foi, certamente, passear o almoço!

1 – Mas já devia ter chegado, já passa da hora de almoço!

2 – Mas ainda não passa da hora de marmita! A marmita não tem hora!

1 – Mas... e agora?

2 – Agora não é mas... é marmita: mar que micta!

1 – Mas mar que micta é mar sujo!

2 – Não seja desagradável! Mar que micta é mar quentinho. Ouviu bem, quentinho!

1 – Nadar, nadar, flutuar, flutuar!

2 – Nada, nada, só nada!

E

1 – Miguel Damião

2 – Nádia Yracema

1 – Entra numa cabine 1 por 1, põe moeda de um euro e tem 1 minuto!

2 – Apanha com luz, apanha com som, apanha com raios ultravioleta! Fica bronzeado!

1 – Entra numa cabine 1 por 1, põe moeda de um euro e tem 1 minuto!

2 – Apanha com luz, apanha com som, apanha com raios ultravioleta! Fica bronzeado!

1 – Entra numa cabine 1 por 1, põe uma moeda de um euro e tem um minuto!

2 – Apanha com... apanha com... apanha com raios... apanha com...!

1 – Fica esturricado!

F

1 – Maria João Vicente

2 – Jorge Andrade

1 – Então vizinho está a ver as obras?

2 (*cego*) – Que obras, que obras vizinho?

1 – Então as obras no prédio, as obras no condomínio vizinho!

2 – O que é que se há de fazer, não é?

1 – Belas obras, heim vizinho!

2 – Que obras?

1 – As obras do condomínio!

2 – O que é que se há de fazer não é vizinho?

1 – Obras piramidais!

2 – Caras!

1 – O quê vizinho?

2 – Um bocadinho caras, as obras, do condomínio...

1 – Por amor de deus vizinho, por amor de deus, não me diga uma coisa dessas!

2 – Que coisa?

1 – Pronto vou ter que lhe pregar um estalo.

–
(black out)

2 – O vizinho morto, estendido na estrada, com um plástico a cobrir-lhe a cabeça.

1 – Os carros passavam devagar em cortejo.

2 – Não o reconheci.

(luz)

1 – O meu cão foi-se embora.

2 – Não voltou?

1 – Não.

1 – O meu cão foi-se embora.

2 – Não voltou?

1 – Não.

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 – Vamos rejoiñar! Lets rejoind!

2 – O quê?

1 – Vamos rejoiñar na joinda! Lets go!

2 – Rejoindar na joinda! Isso rejoinda-te, rejoinda-te bem!

1 – Sério, rejoindar?!

2 – Rejoindices, hu, hu!

G

- 1** – Joana Liberal
- 2** – Miguel Mendes

1 – Som alta definição.

2 – Imagem de alta definição.

1 – Altamente!... Swell!

2 – Agricultura hidropónica.

1 – Não sei o que é.

2 – Também não.

1 – Altamente.

2 – Swell!

1 – Já sabes o que é agricultura hidropónica?

2 – Alguém entretanto aprendeu.

1 – Altamente!

2 – Sweel!

(repetir duas vezes a sequência)

H

- 1** – Carla Bolito
- 2** – Nuno Nolasco

1 – O Sr. Le Pen diz que o Sr. Ébola vai resolver o problema da imigração.

2 – O Sr. Poste de Alta Tensão diz que vai emigrar para o rabo do Sr. Le Pen.

1 – Não cabe.

2 – Quoi?

1 – Não cabe.

2 – Será que o Sr. Ébola também consegue resolver o problema do Sr. Le Pen?

1 – Como?

2 – Esvaziando-lhe o rabo!

1 – O rabo?

2 – Não há mais nada para esvaziar. O Sr. Le Pen só tem cocó dentro de si.

1

1 – Maria Leite

2 – José Peixoto

1 – A gosto!

2 – Setembro? (canta) Foi no mês de Setembro...

1 – A gosto! Quer dizer q.b....

2 – Com q.b. quem ganha é você!

1 – Ganha o quê, o que é queeres dizer com isso? Estás a ameaçar-me? O que é que eu te fiz? Diz lá o que é que eu te fiz? Atravessaste a passadeira assim à toa! Ias a pensar em quê? Em que é que tu ias a pensar quando atravessaste a passadeira!

2 – Férias.

1 – Para que é que queres férias pá? Para quê? Não aprendes nada, não evoluis nada, não fazes falta a ninguém, o teu dinheiro cheira mal! Imagina, sacam-te o dinheiro e tu morres! Não é mais fácil? Só dás despesas pá, para quê férias? Quando é que acordas para a tua realidade?

2 – Qual realidade?

1 – A gosto.

2 – Perdi o paladar, sabe-me tudo a bacalhau com natas: café, vinho, esparguete à bolonhesa, profiteroles, sabe-me tudo, tudo a bacalhau com natas.

(pausa)

1 – Atroz.

2 – O quê?

1 – O medo. A surdez psicológica. O descalabro. O fim.

2 – O fim é sempre atroz.

1 – O pior não é o fim, não é sequer a barbárie, antes fosse... O pior é a ausência de esperança.

2 – Isso é bluff!

1 – Não vou abrir o jogo.

J

1 – Sílvia Filipe

2 – Beatriz Pessoa

1 – Então, isto aqui é uma jukebox, certo? E nós, nós estamos aqui para curtir....

2 – Curtir como?

1 – Então isto aqui, estás a ver, isto aqui, objecto grandioso, extremamente grandioso, vintage, grandioso, com luzes a piscar, vinis antigos, estás a ver, grandioso, a jukebox, isto, a jukebox, certo, isto aqui é o coisital, o coisital do amor? A jukebox serve para...

2 – Curtir?

1 – Não, a jukebox dá música, música de jukebox, o coisital do amor!

2 – Mas música como? Tenho a música toda nos ouvidos, toda, a cabeça cheia de sons, queres ouvir?

1 – Não, não! Vamos lá ver se a gente se entende... Música a dois, percebes, música a dois?...

2 – Está bem, eu canto para ti!

1 – Não, a jukebox, está ali, nós escolhemos uma música, o coisital do amor, os dois, em comum acordo...

2 – Comum acordo e...

1 – Ficamos ali a curtir, a curtir!

2 – Não é mais fácil curtir em silêncio?

1 – Sem som? Sem jukebox? Sem coisital?!..

2 – Tens razão.

1 – E então?

2 – Sinto-me pouco à vontade...

1 – Porquê?

2 – A jukebox não tira os olhos de mim; acho que se sente atraída por mim... está ... isso, isso, coisital...

K

1 – Se a minha mãe fosse viva, beijava-te todo.

2 – Se a minha mãe fosse viva andaria sempre atrás de ti como um anjo.

3 – Se a minha mãe fosse viva seria um anjo, o teu anjo da guarda!

4 – Se a minha mãe fosse viva seria, assim, velhota.

5 – Assim velhota, assim, de pés descalços, assim.

6 – Com uma bata de chita às flores, assim, às flores, velhota.

7 – Se a minha mãe fosse viva seria um anjo, o teu anjo da guarda, sempre atrás de ti.

8 – Sempre atrás de ti e a sorrir, a sorrir muito, com uns óculos de massa a imitar tartaruga, sempre a fazer-te festas e a levar-te o lanche.

9 – A minha mãe se fosse viva não teria cabelos brancos porque a minha mãe nunca teve cabelos brancos.

10 – Se a minha mãe fosse viva beijava-te o corpo todo, ensinava-te a ler e a chorar.

11 – Porque as mães gostam de chorar e de beijos, e nós gostamos disso nas mães.

- 12 – Gostamos disso, de baterias e de guarda-chuvas.
- 13 – Não há trepidação sem ritmo,
- 14 – Não há vontade de existir sem ritmo!
- 15 – Não há bons invernos sem guarda-chuvas,
- 14 – Não há trepidação sem ritmo,
- 16 – Não há transcendência sem medo,
- 14 – Não há trepidação sem ritmo,
- 17 – Não há mães sem sacrifício,
- 18 – Não há ternura sem morte,
- 14 – Não há trepidação sem ritmo.
- 19 – Não existem contas de somar sem a subtração de alguma coisa.
- 20 – A falta que tu me fazes.
- 21 – A falta que tu me fazes é o haver de tudo isto:
- 22 – uma garrafa de vinho,
- 23 – gente a dançar,
- 24 – desconhecidos que metem conversa, sim, desconhecidos que metem conversa!
- 25 – Grafitar as campas dos cemitérios.
- 26 – Se a minha mãe fosse viva, beijava-te todo, todo, todo!
- 25 – Grafitar as campas dos cemitérios numa profanação selvagem,
- 22 – Pura.
- 23 – Pura.
- 24 – Pura!
- 20 – A falta que tu me fazes.

4 – Pura.

5 – Como o coito dos animais.

L

1 – Filipe Duarte

2 – Ana Tang

1 – Estou doente!

2 – Sintomas?

1 – Todos! Tenho a doença da civilização!

2 – Não conheço essa doença.

1 – A civilização a acabar e a gente a murchar, a murchar!

2 – Falta de sol talvez...

1 – A civilização não tem perdão!

2 – Da questão climática à questão moral vai um passo!

1 – Ai que me dói o coração!

2 – Então não é a civilização que lhe dói?

1 – Quando se tem a doença da civilização dói uma coisa de cada vez e tudo ao mesmo tempo!

2 – Então dói-lhe o coração...

1 – Dói-me a civilização, dói-me um dente, dói-me o pé, dói-me o fígado, um coice que levei...

2 – Quem lhe fez uma coisa dessas?

1 – A civilização, a maldita civilização....

2 – Incivilizada!

1 – Selvagem, bárbara, analfabeta!

2 – A civilização intolerável!

1 – Civilização intolerante, superficial, civilização artificial, melíflua.

2 – Tome um comprimido!

1 – E o que é que acontece?

2 – Você desaparece.

1 – E depois?

2 – Depois, morreram as vacas e ficaram os bois!

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 – Estás ali a libertar, a libertar a adrenalina na fast dancing!

2 – Quantas casas consegues iluminar com o teu pezinho de dança?

1 – Estou em curto-circuito!

2 – E o teu pezinho balança?

1 – O meu pezinho alcança, alcança e não se cansa! Alcança e não se cansa!

M

1 – Maria João Vicente

2 – Carolina Sales

1 – Bravo, grande ideia! Merece um 19!

2 – 19?...

1 – Merece um 99!

2 – 99?...

1 – Merece um 100!

2 – 1001?...

1 – A perfeição é inimiga da humildade!

2 – E o 1001?...

1 – O que excede, inicia.

N

1 – João Didelet

2 – Ana Palma

1 – Só preciso de financiamento, por favor, tenha dó...

2 – Queres uns cobres para juntar às latas que tens atadas ao carro. Depois azeiras na rua e estragas melhor o sono à vizinhança!

1 – É uma coisa exótica, uma coisa que vende!

2 – É o que eu digo estragas o sono à vizinhança e vês nisso um negócio!

1 – Grande negócio! É lepra moral, ninguém escapa, uma sociobactéria, um sóciovirus, ou lá o que é, com vocação para o genocídio, uáu, já viste, só coisas do género: “a minha mãe tem muitos carros à porta da garagem. É bem feita! Bem feita! Ela é que convidou! Tanta gente, tanta gente... Não tenho pena dela! Ai, ai, não consigo dar ordens aos criados, oh, estou tão deprimida! Fingida.”

2 – Olha, sabe que mais? Ela tem inveja! Inveja, porque eu posso usar roupas justas e ela não! Ela tem inveja do meu colo harmonioso e do meu rabo divino!

1 – Ai, que divino cú!

2 – Ai sim, sim! Sim senhor! Porque eu lanço gases Chanel pelo meu rabaçal divino! E para a semana vou a Florença casar pela vigésima quinta vez!

1 – Parabéns, linda!

2 – O meu noivo é um tubarão russo cujas gónadas são ovos de Fabergé! Uma raridade! A propósito de novidades: foste à polícia queixares-te da tua ex-mulher? Ela arranhou-te não foi, coitadinho!?...

1 – Sim, fiz queixa e ela agora que se amanche.

2 – Apareceu com um gajo não foi, coitadinho, deves estar a sentir-te mesmo mal, afinal ainda gostas dela não é!?

1 – Um matulão que anda a rasgá-la toda. Um talhante de cutelo em punho valha-me nossa senhora!

2 – Que nojo, coitadinho, estás tão patarata... e dizes isso, assim, da mãe dos teus próprios filhos!...

1 – Quais filhos? Eu não tenho filhos!

2 – Ai tens, tens meu caga na saca, coitadinho do caga na saca!

1 – Não tenho nada! Ando nisto das revistas cor-de-rosa vai para sete anos e nunca bebi um copito a mais ou snifei as cinzas dos antepassados! Estive em Londres por conta da universidade das tretas mundanas e trouxe muitas prendas.

2 – Para quem?

1 – Então para as crianças! Estou a fazer uma dieta com ração para o gado, sabias?!...

2 – Oh coitadinho, e isso resulta?

1 – Sinto-me um velho a morrer de Alzheimer!

2 – É tão chique!

1 – Só no Natal, só no Natal é que dou as prendas aos miúdos, não te esqueças está bem!? E, e, não te esqueças, são meus afilhados, está bem, meus afilhados!?

2 – Quem?

1 – Os meus filhos são meus afilhados!

O

1 – Beatriz Godinho

2 – Emanuel Arada

1 – Então, está a menina, não é...

2 – A senhora!

1 – A senhora, pois, está a senhora, posta!

2 – Sentada!

1 – A senhora sentada, de perna traçada!

2 – Esparramada!

1 – A bem dizer esparramada com o seu decote em v de virtude.

2 – A senhora está esparramada a comunicar com o seu smartfô!

1 – A senhora parece que faz tricô.

2 – Mas está esparramada, com o seu decote em v de virtude, a mexericar no smartfô!

1 – Que linda que está!

2 – Sisuda a mexericar, freneticamente, no smartfô!

1 – Não está linda, está sisuda!?

2 – Uma tromba de meter medo ao susto! Quanto ao decote foi-se a virtude e ficou o embaraço!

1 – Está descomposta e zangada?

2 – Está práli, a mexericar, a mexericar, a ferver, até parece que vai rebentar! Incha, incha e remexe, incha e remexe!

1 – Tão linda, linda, que até parece...

2 – Estás apaixonado?

1 – Vidrado, vidrado! Que coisa mais linda!

2 – Esta coisa esparramada, purulenta, que se só se mexe dos dedinhos para cima?

1 – Estou apaixonado pelo smartfô! Sabes, é para a minha velhice, o meu precoce tricô!

P

1 – Nuno Pinheiro

1 – Então o amigo gosta das nossas instalações? São excepcionais, não diga nada! Mas eu quero que seja sincero, seja sincero, fale comigo, diga o que lhe vai na alma! Ouça, temos aqui os secadores! Gosta da nossa zona dos secadores? Claro, você não precisa, está calvo! Oh careca tira a boina! Você não usa boina. Muito bem, muito bem! Já conhece a nossa zona dos secadores 2? Estes são secadores vip para cabeleiras longas e loiras! Também temos para cabeleiras morenas e fartas e ainda uma zona para cabeleiras ruivas e espessas!! A zona Sansão! Ah, ah, seu maroto... a zona Sansão não é para si, sua Dalila Mamila! Você não precisa.

Precisa de abater essa barriguinha! Come cereais? Come de três em três horas? E de quatro em quatro e de cinco em cinco? Sabe contar? Um, dois, três, quatro cinco? Esplêndido! Diga-me o que acha das nossas instalações. Quer tomar duche, acondicionador, champô, gengibre para a voz? Você não precisa! você não fala, percebeu, você não fala! Não fuja com o olhar! Venha cá amanhã! Traga um amigo também.

Já reparou nas suas costas, você já viu como tem as costas? Isso precisa de esticar, esticar. E nada, absolutamente nada, de trepidação exagerada. Fuja dos tremores de terra, homem, senão parte-se todo em bocadinhos como uma rosa de cristal! Gosta de rosas e de chicharros? Tem escrúpulos? E muitas de estacionamento? Não fuja com o olhar! Lá está você a tentar fugir com o olhar! Olhe-me nos olhos! Diga lá o que lhe vai na alma e lembre-se não encontra instalações como as nossas em lado nenhum!

Quanto ao preço? O preço! Cristo e Zoroastro, o preço, o preço é uma comédia, uma ligeireza, uma coisa que se cospe, sei lá, um caroço, uma cogitação, muco, uma cançoneta em ré! Sabe cantar, não sabe? Isto é um país de cantores, quem não sabe cantar não é bom chefe de família!

Tem carta de condução? Ainda não tem carta de condução! Então que veio aqui fazer? Trincar caramelos? Onde é que julga que está? Numa doçaria? Que frescura! Você não está numa doçaria, nem numa sapataria! Calce-se, calce-se, calce-se imediatamente! Que pivete homem! Meu deus o que eu dava por uma gasosa fresca...

Tem um espanador? Comece a limpar o pó às nossas instalações, fica à experiência e não se atreva a espirrar! Espere ao menos que chegue o Natal ou outro dia santo qualquer. Só vale espirrar em dias santos! Vá-se lá saber porquê... Encomendaram assim.

Q

1 – Miguel Damião

2 – Nuno Nolasco

1 – E agora a estrela do momento, aquele de quem todos falam mas ninguém viu! O mais visto sem nunca que ninguém lhe tenha posto a vista em cima!

2 – O único, piramidal, perpendicular, o losango!

1 – O cilindro!

2 – O Homem Invisível!

1 – Então Homem Invisível está tudo bem consigo? Sabe que é o mais visto do planeta Terra? As suas audiências são avassaladoras! As pessoas ligam as maquinas e traú só o vêm a si! A si! Não vêm nada, e isso preenche-lhes o espírito, compreende!! Você é muito espiritual, não é!?... Diga lá aqui à nossa audiência: você é espiritual?... Bacalhau Espiritual? Breaking news, breaking news! O Homem Invisível gosta de Bacalhau Espiritual! Mas, sim... escuto... o quê?!... ele assassinou?! Espião?! Crash, catapumpum?! Anónimo com ideias fixas?! Anarquista? Um... o quê?! Casou?! Com quem?!... Que bronca, que grande bronca! Ele dá para os dois lados, o Homem Invisível dá para... ele afinal dá para todo o lado!

2 – O Homem Invisível andou 67 semanas fugido a justiça com 5323 agentes policiais, militares, civis e religiosos a tentarem caça-lo mais 724 drones.
(interferências, imagens distorcidas; hiatos)

1 – Coisa mais ou menos previsível dados os avanços da tecno-religião: os 732 drones chatearam-se à brava por não conseguirem encontrar o Homem Invisível.

2 – A revolta das máquinas! O pessoal humano já estava farto de revoltas, queria era sopas e descanso... desde que tivesse a bucha e um cantinho...

1 – Os drones deram cabo das colheitas todas, um apocalipse agrícola! Fome, desolação, gente a vaguear, antropofagia!

2 – Posteriormente os bandos humanos deixaram de ser pessoas, passaram de um estado de dignidade atomizada a um estado vegetativo. Basicamente couves; nalguns casos amibas. Afinal a evolução não nos levava tão longe como julgávamos, a constatação do impensável aconteceu. Talvez nunca tivéssemos deixado de ser isso mesmo, pelo menos no mais axial da nossa arquitectura genética; talvez nunca tivéssemos deixado de ser couves, amibas, cianobactérias, numa abissal e negra fumarola atlântica.

1 – Os drones, por sua vez, viraram-se uns contra os outros ao sétimo dia.

2 – Foi uma barraca.

1 – Ninguém se entendia.

2 – Eu escondi-me debaixo da mesa apesar de já ter sido liquidado há muito com um tiro na nuca.

1 – Que se lixem os drones.

2 – Eles que se amanhem.

1 – Helena virá, Helena virá com os seus véus finíssimos!

2 – Helena, Helena, Helena.

R

1 – Diogo Bento

2 – Carla Bolito

1 – Tu és porca.

2 – Eu não sou porca.

1 – Ai és, és! Tu és muito porca.

2 – E o barquinho à vela, a sulcar as águas do oceano?

1 – Ai isso é muito lindo de se ver, mas tu continuas a ser porca.

2 – Eu não sou porca sou linda como a vela do barquinho soprada pela brisa do fim de tarde.

1 – A vela do barquinho soprada pelo vento ao fim de tarde é uma coisa linda de morrer, mas tu és porca.

2 – Vá lá, não sou nada, então, vá lá, facilita! Eu não sou muito porca, só um bocadinho, quem é que não é porco um bocadinho?

1 – Eu nunca dei um pum!

2 – Nunca?

1 – ... só uma vez.

2 – Então és porco.

1 – Não sou nada porco! Tu é que és porca. Porca, porca, porca... Tu não te lavas, tu tens uma gadelha que até parece uma nuvem de varejeiras em volta duma bolinha de estrume.

2 – O meu cabelo não se parece com uma nuvem de varejeiras em volta duma bolinha de estrume! Então, tu és parvo ou fazes-te meu javali!?...

1 – Não é javali, é porco.

2 – Seja! Porco.

1 – Porca. Porca, porca, porca, porca, porca! Comes pacotes de banha ao pequeno-almoço.

2 – Mau mau, ai, ai, ai, que estou a ficar zangada.

1 – Não fiques por amor de deus, tu não te zanges, eu peço-te perdão, eu juro pela minha santa mãe, que deus a tenha, que nunca mais te chamo porca! Se alguma vez te chamar porca que me caia um raio em cima, que seja devorado vivo por um Dragão de Komodo ou um cardume de piranhas, tanto faz, eu nunca mais te chamo porca!

2 – Juras que nunca mais me chamas porca?

1 – Eu seja um Dragão de Komodo a arrastar um cadáver em decomposição se te volto a chamar porca!

2 – Então chama-me barquinho à vela...

1 – Meu harmonioso barquinho branco, longínquo, tão longínquo, a sulcar o oceano com a vela enfunada pela brisa da tarde!

S

1 – Frederico Barata

2 – Maria Leite

1 – E agora, and now... Turismo ranhoso!

2 – O turismo ranhoso é um turismo à base de coisas ranhosas!

1 – Apanhas uma gripe e fungas, fungas, fungas!

2 – Atchim! E há com febre!

1 – Temos com febre dos fenos e sem febre dos fenos. Alergia aos ácaros e alergia ao bálsamo de peru! Também temos cefaleias!

2 – O que eu dava por uma valente cefaleia.

1 – Ou uma enxaqueca das antigas!

2 – O que importa é fungar, fungar!

1 – Porquê?

2 – Por causa dos lenços de assoar.

1 – E a vacina?

2 – Aparece de vez em quando. “Olá vacina então estás boa?”

1 – “Eu estou e tu?” Desculpa... *(acende cigarro)* Quero dizer... Ando tensa, deixei de fumar.

2 – Muito me contas!

1 – Eu gostava era de uma casinha à beira mar. Por causa do ranho... isto com a mar passa.

2 – É o que safa isto, o mar.

1 – Para mim é mais o “u”.

2 – O quê?

1 – O “U”!

2 – União faz a força?

1 – Só que se fizeres muita força provocas uma hérnia, já tinhas reparado!?

T

Mendonça – Nuno Pinheiro

F1 – Beatriz Pessoa

F2 – Nadia Yracema

F3 – Beatriz Godinho

F4 – Ana Tang

F5 – Carolina Sales

F6 – Cirila Bossuet

F7 – Maria Leite

(Mendonça, o Vilão Manhoso, mais colectivo de Feinhas – de facto são todas sensuais e provocantes)

M – Tu és feia!

F1 – Não sou nada.

M – Tu és muito feia!

F2 – Isso querias tu, peludo, Mendonça, o vilão manhoso!

M – Feia, feia, como a noite!

F3 – Achas mesmo, Mendonça, o vilão manhoso?

M – Acho, porra! És feia, muito feia!

F4 – Oh pá, então?!

M – Tu, minha linda menina, tu és.... muito feia! Ah, não estavas à espera! Apanhei-te feiosa!

F5 – Não digas isso Mendonça, o vilão manhoso!

M – Digo, digo!

F6 – Não digas, não digas isso, pá!

M – Diiiiigo!

F7 – Não digas isso ou então atiro-me da janela!

M – Oh, vá lá, não faças isso, pelo amor de uma lampreia, não há outra mais feia que tu!

F1 – Eu sou a bela adormecida!

M – Tu és feia!

F2 – Eu sou a princesa Totó, e sou muito Totó, percebeste Mendonça, o vilão manhoso?

M – Tenho problemas com a compreensão de tudo o que extravasa o âmbito do óbvio. Exemplos do meu baixo q.i ? Sócrates disse: “só sei que nada sei!” Mendonça só sabe que és feia!

F3 – Eu sou a miss Azeitão!

M – Que bom para tiiiiii! Mas sabes querida, tu és mais a miss... Caixão: as pessoas vêm-te e morrem! Ah, ah, ah, que tirada terrível!

F4 – Eu não sou feia, vilão manhoso!

M – És mais feia que o Arquimedes.

F5 – Quem é esse senhor Mendonça?

M – Esse senhor, minha feiosa duma figa, era um grego que vivia em Siracusa, uma cidade na Sicília, e que gostava de tomar banho. Sujeito aseado, portanto. Tinha um problema complicadíssimo para resolver e de repente, estando a banhar-se, disse: “eureka, eureka!” E descobriu a solução.

F6 – Descobriu o quê o senhor Arquimedes?

M – Que era feio! Ah, ah, que crueldade!

F7 – Oh, coitadinho dele Mendonça, o vilão manhoso! Insensível!

M – Está descansada, és mais feia que ele e não vais descobrir nada de especial ao longo da tua vidinha inútil e parva.

Todas – És tão mau pá!

M – Eu sei! Eu sei. Sou Mendonça, o vilão manhoso, e sou excelente naquilo que faço.

U

1 – Flávia Gusmão

2 – Sílvia Filipe

3 – Maria João Vicente

1 – Seguinte! Então tens caspa?

2 – Não.

1 – Seguinte! Então gostas de bola e cerveja alemã?

2 – Sim.

1 – Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 – Bem.

1 – Seguinte! Vais votar em quem?

2 – Estou indeciso.

1 – Seguinte! Vais votar em quem?

2 – O que é isso?

1 – Seguinte! Vais votar em quem?

2 – Nos partidos tradicionais.

1 – Seguinte! Vais votar em quem?

2 – Nos partidos tradicionais.

1 – Seguinte! Vais votar em quem?

2 – Partidos tradicionais!

1 – Seguinte!

2 – Partidos tradicionais!

1 – ... *(imagem do rosto sereno e em silêncio)*

2 – Partidos tradicionais!

1 – ... *(imagem do rosto sereno e em silêncio)*

2 – Partidos...

1 – Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 – Parti uma perna.

1 – Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 – Estou muito feliz.

1 – Seguinte! Gostas de bola e cerveja alemã?

2 – Estou muito feliz.

1 – Seguinte! Tens caspa?

(branco)

2 – Olhei longamente, durante um tempo interminável, para a estátua da virgem. Depois, num prodígio sublime, a virgem destapou o seio esquerdo e aspergiu-me leite na face.

1 – A virgem é uma reprodução 3d em matéria plástica!

2 – A virgem é uma reprodução 3d em matéria plástica! Uma verdadeira alucinação, um detonador místico, erótico e popular.

1 – Um verdadeiro milagre!

2 – Diz antes uma constelação de sentidos.

1 – Mas era só uma estrela, a estrela de Belém! Os reis magos orientaram-se por ela, pela estrelinha!

2 – Isso foi antes do advento da era digital.

1 – Queres dizer que não vamos voltar a ter Natal? Que nunca chegaremos a Belém?

2 – Quero dizer que não interessa saber o destino mas reconhecer quando se chega. Lembra-te: (legendas) olhei longamente, durante um tempo interminável, para a estátua da virgem. Depois, num prodígio sublime, a virgem destapou o seio esquerdo e aspergiu-me leite na face.

1 – Quando encontrares saberás.

3 – E a pedra no chão, esse calhau rolado pelo acaso, de aparência vulgar, será a tua pedra filosofal pois que Romeu dela se serviu para despertar Julieta na sua câmara de vidro.

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 – Uma escola de dança, eu quero fundar uma escola de dança, quero por toda a gente a dançar, a dançar.

2 – Então mexe-te!

(imagem colectiva; todos parados)

V

Fernanda Neves

1 – O facto de existires faz-me ver o mundo de outra maneira.

(a frase é dita 25 vezes)

W

1 – Maria João Vicente

2 – Nuno Nolasco

1 – Olha bem: este tipo está a sofrer.

2 – Morreu-lhe alguém?

1 – O tipo chora, chora...

2 – Morreu-lhe alguém?

1 – Está práli a espremer limões...

2 – Alergia a alguma coisa?!...

1 – Chora, chora...

2 – Se calhar perdeu alguém que lhe era muito caro!...

1 – Chora...

2 – Perdeu a dignidade.

1 – Chora...

2 – Perdeu tudo.

1 – Como que decapitado.

(deserto; vento)

1 – Como no livro de Job?

2 – Vem práqui ver o espectáculo todos os dias, não se cansa, não perde um segundo que seja do espectáculo e chora, chora o tempo todo...

1 – Porquê?

2 – Nem ele sabe. Por esta altura só chora.

1 – Chora por nada?

2 – Chora por tudo e por nada.

1 – Triste sina.

2 – A dele?

1 – Não... a nossa.

X

1 – Frederico Barata

2 – Emanuel Arada

3 – João Didelet

4 – Carolina Sales

5 – Filipe Duarte

6 – Ana Tang

7 – Miguel Mendes

1 – Está quase a passar-se...

2 – Se tocares naquele ponto, passa-se mesmo.

1 – O ponto de passagem.

2 – A gota de água.

3 – Não me falem dessas coisas!

1 – Referes-te ao cabide?

3 – Foda-se. (*fade-out de imagem do rosto*)

1 – Pronto! Já está. Passou-se com a alusão ao cabide. Tinha lá o casaco posto. O casaco preferido.

2 – Um tipo perdido em mangas de camisa.

1 – Agora é ela.

2 – Ela quem?

1 – Está quase, quase a passar-se. Começou a praguejar em surdina.

2 – É assustador, ela a praguejar em surdina.

4 – Eu estou-me a passar, eu estou-me a passar!

2 – Se ela se passa acabou-se, sai de campo.

1 – Sai de campo, desaparece.

2 – Quem desaparece, esquece. Não te mexas tanto, mulher!...

1 – O teu... primo!

4 – Não metam o meu primo na história!

1 – O teu... primo!

4 – Deixem o meu primo em paz ele não vos fez mal nenhum!

2 – Primitinho... primitinho...

4 – Foda-se! (*fade-out de imagem do rosto*)

1 – Conheces aquele?

2 – Qual?

1 – Aquele da boina!...

5 – Eu não percebo; comprei o passe, venho todos os dias, como um pão, bebo um copo de vinho, eu não percebo, eu cumpro as tarefas que me foram destinadas.

2 – Fala muito.

1 – Fala demais.

5 – Eu não percebo! Comprei o passe social... trabalho, casa, casa, trabalho... ajudei o elefante a atravessar a rua; este episódio deu nas vistas, deu muito nas vistas! Se calhar foi isso... Eu não percebo porque é que isto me está a acontecer e tenho aqui uma carta... deixa ver, cá está... uma carta assinada pelo elefante em pessoa! Ele concorda comigo, ele apoia-me!

1 – Este demora mais tempo a passar-se.

2 – Será que está avariado.

1 – Um preguiçoso cheio de desculpas!

5 – Eu tenho estado à espera! Não foi isto que me explicaram! Disseram que era assim e... eu convenci-me que era assim! Eu treinei-me para ser assim! Eu não sou assim, eu não sou assim!

2 – Um covarde.

1 – Devia ter levado mais tarefa.

5 – Eu levei muita tarefa! Só deus sabe o que eu sofri! Eu sofri com as crianças todas a berrarem à minha volta, a não perceberem nada! Eu tive que repetir, repetir, as mesmas coisas centenas de vezes e elas não se calavam! As crianças

não se calavam! Elas diziam que não percebiam, que estavam atentas mas não percebiam... Elas... não estavam atentas... e não percebiam porque não eram disciplinadas e eram burras... elas eram burras...

1 – Tens a certeza?

5 – Foda-se! (*fade-out de imagem do rosto*)

2 – Quem é esta?

1 – Esta é a do casamento.

2 – Vais-te casar?

6 – Vou.

2 – E o teu noivo?

6 – É um tipo porreiro. Está a falar com os músicos que estão a tocar no nosso casamento.

2 – Gostas de música?

6 – Sim!

2 – Qual é a tua música preferida? Não respondas já, diz-me ao ouvido. Fantástico.

1 – Queres dançar com ele, com o teu noivo ao som desta música?

6 – Sim, quero muito!

2 – Achas que eles vão tocar bem?

6 – Já os ouvi, tocam maravilhosamente.

2 – Maravilhosamente. Estás mesmo encantada, pareces uma princesa.

6 – Obrigado!

1 – Não agradeças. Dá sempre jeito uma noiva.

2 – Por causa dos comes e bebes percebes?

1 – Dia de casamento, dia de fartura!

2 – Encher a barriga! O demónio é gordo, muito gordo, sabias?

6 – Não. Julguei que tinha uma cauda com uma ponta de seta.

2 – Há demónios para todos os gostos. Qual é a tua cor preferida?

6 – Vermelho.

2 – O teu noivo foi-se embora.

6 – O quê?!...

1 – Estamos aqui para dar más notícias.

6 – O quê, não pode!... Romeu, Romeu, onde é que estás Romeu? Alguém viu o Romeu, o Romeu o meu noivo? Romeu, então amor, estás a brincar comigo?! Então deixas-me aqui pendurada no altar? Não estou a gostar desta partida de casamento amor! Romeu, aparece! Foda-se, Romeu, foda-se! (*fade-out de imagem do rosto*)

1 – Este é o da arca.

2 – Tem uma arca?

1 – Julga-se o Noé.

7 – Cabemos todos lá dentro é só uma questão logística.

1 – Não pode caber tanta gente.

7 – Não, não, isto com planeamento, boa vontade e imaginação consegue-se! Cabe toda a gente lá dentro.

2 – Quanto tempo é que julgas que vai demorar o dilúvio?

7 – Não sei... temos provisões para bastante tempo... uma central de dessalinização e aproveitamento da água da chuva; podemos pescar; e, mais importante, tenho um protótipo de um conversor de pedras em bifés!

1 – Um protótipo de um conversor de pedras em bifés?!...

7 – Estamos agora a fazer testes com seitan!

2 – Converter pedras em bifés de seitan!

1 – O que é que o teu conversor não converte?...

7 – Ainda não consegui... isto é embaraçoso... Ainda não consegui converter pedras em palitos la reine...

- 2 – Ah, palitos la reine, já cá faltava a nobreza!
- 1 – Sim, a nobreza.
- 2 – A eterna luta de classes.
- 1 – Uns por cima outros por baixo!
- 2 – Palitos la reine!
- 1 – A rainha acima de tudo e todos!
- 7 – Tenham lá calma! Não é bem assim! É só um protótipo e temos bifes!
- 2 – E seitan, certo?
- 7 – Sim, seitan!
- 2 – Mas no fundo, no fundo, tu gostas é de doces, gostas da rainha!
- 1 – A habitual tendência para a aniquilação do próximo.
- 2 – O massacre sempre foi o nosso forte.
- 1 – E o nosso ponto fraco.
- 2 – O massacre do próximo. Não há harmonia possível.
- 7 – Há sim, há sim! Há lugares para todos na minha arca!
- 1 – A bem dizer só há para ti.
- 7 – É mentira, é mentira!
- 2 – Para ti e para os teus genes.
- 7 – É mentira, é mentira... eu estou-me a passar!
- 1 – Quando é que tiveste relações sexuais pela última vez? Responde?!
- 7 – Não faço ideia, isso vem a que propósito?
- 2 – Acho que não fizeste as coisas como devias.
- 7 – Como?

1 – Ofendeste a tua parceira.

7 – Eu amo-a!

2 – Lírico e tolo! Tu amas-te a ti!!

7 – É mentira!

1 – Lembra-te lá bem do que disseste! “Vem-te minha porca, isso, vem-te minha porca!” Não foi assim?!

7 – Eu não disse isso, eu não disse isso!

2 – Tu não gostas de nada, nem de ninguém. A tua pretensa magnanimidade só serve para disfarçares a tua cobardia e o teu egoísmo.

1 – Tu inventaste uma personagem.

7 – É mentira!

2 – Não tapes o sol com uma peneira!

7 – É mentira, é mentira!

1 – Até nós somos tua invenção!

7 – Eu não vos conheço, eu nunca vos tinha visto antes.

2 – Ora aí está, ora aí está! Antes de nos inventares nunca nos tinhas visto.

1 – Só começamos a ter existência contigo. Só existimos por tua causa. Lembra-te bem do que disseste: “vem-te minha porca, isso, vem-te minha porca!”

7 – Vocês existem!

2 – Claro que existimos!

7 – Vocês não são fruto da minha imaginação!

1 – Fruta agora para quê?

2 – Peras, maçãs, bananas?

7 – Eu disse fruto da imaginação!

1 – Ah, pormenores linguísticos...

2 – A tua imaginação fértil... Porca!

7 – Cabem todos na minha arca.

1 – Não tens remédio. Aceita-te como és, aceita as coisas como elas são: todos pagamos um preço pelas nossas acções.

7 – Não me mandem embora, por favor não me mandem embora, deixem-me partilhar convosco.

2 – Bái bái!

(está só no ecrã)

7 – Ei, onde é que estão?! Onde é que foram? Eu estou aqui, eu estou aqui, aqui, aqui! Aqui e agora!

Off 1 – Tu nem a foder és simples.

7 – Não, foda-se! *(fade-out de imagem do rosto; seguem-se sombras)*

Off 2 – Ok, acabou.

Off 1 – Lá se foi a arca da aliança.

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

(imagem: só mãos)

1 – Agitá, agitá, agitá! Eu sempre quis ser baterista! Agitá, agitá, agitá!

2 – Eu faço solos de guitarra no terraço do meu oitavo andar.

1 – Agitá, agitá!

2 – Toca a mexer.

Y

- 1** – Miguel Damião
- 2** – Jorge Andrade
- 3** – Beatriz Godinho
- 4** – João Didelet
- 5** – Carla Bolito
- 6** – Miguel Mendes
- 7** – Flávia Gusmão
- 8** – Emanuel Arada
- 9** – Diogo Bento
- 10** – Ana Tang
- 11** – Joana Liberal
- 12** – Maria João Vicente
- 13** – Fernando Nobre
- 14** – Nuno Nolasco
- 15** – Sílvia Filipe
- 16** – Nádia Yracema
- 17** – Filipe Duarte
- 18** – Cirila Bossuet
- 19** – José Peixoto
- 20** – José Espada
- 21** – Ana Palma
- 22** – Frederico Barata
- 23** – Maria Leite
- 24** – Nuno Pinheiro
- 25** – Carolina Sales
- 26** – Beatriz Pessoa

- 1** – O que é que te faz falta afinal?
- 2** – Do que é que precisas?
- 3** – Não estás bem, é?
- 4** – Não te sentes confortável?
- 5** – Não sabes o que sentes?
- 6** – Não percebes nada, estás confusa?
- 7** – Atina-te, não é?!...
- 8** – Não te apetece?
- 9** – Não estás inspirado?